

A REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO PRONOMINAL NA FALA DE NATAL: evidências de um processo de mudança?

Sammy Vieira Carvalho Júnior (UFRN)

sammyhist04@yahoo.com.br

Introdução

A língua é um produto sociocultural, é variável e está em constante mudança, sempre. A sociolinguística, enquanto ciência e ciente desses processos linguísticos, traz importantes contribuições ao levar em conta o contexto sociocultural e a comunidade de fala em suas pesquisas linguísticas. Assim, então, torna-se possível examinar as condições em que a fala é produzida, analisando-as nos diversos contextos vivenciados por determinadas comunidades (BORTONI-RICARDO, 2014). Tendo em vista tal perspectiva, este trabalho discorrerá a respeito da representação do sujeito pronominal de referência determinada na fala de Natal-RN. Serão consideradas duas entrevistas de informantes socialmente estratificados do subprojeto FALA-Natal, levando em conta duas diferentes faixas etárias para buscar indícios de mudança em tempo aparente (LABOV, 1994). Estão elas assim distribuídas: (i) faixa etária 1 – informante de 15 a 21 anos de idade (Inf.1), e faixa etária 2 – informante de mais de 50 anos de idade (Inf.2)¹.

Os pesquisadores desse banco de dados FALA-Natal propõe-se a organizar um *corpus* de fala, denominado Banco de Dados da Fala do Rio Grande do Norte (FALA-RN) que contará com amostras representativas de diferentes comunidades de fala norte-rio-grandense (TAVARES, MARTINS, 2014). No intuito de facilitar as análises iniciais desse trabalho, até então inexistente no Rio Grande do Norte, outros bancos de dados já existentes no Brasil, a exemplos do PEUL e do VARSUL, serão comparados com os dados analisados nessa investigação. O banco de dados FALA-Natal não contém uma amostragem em condição metodológica ideal (isso apenas ao levar em conta o caráter quantitativo dos *corpora*), pois o número de entrevistas em condições reais demandaria anos de realização. Assim mesmo, teóricos sociolinguistas percebem que um número menor de entrevistas pode ser representativo de tendências gerais da comunidade. Diante disso, o que temos em mãos nesse trabalho não é uma análise minimizada da língua da população norte-rio-grandense, mas um *corpus* que nos possibilita fazer inferências sobre a população com base na amostra. Diversos fenômenos variáveis, contendo 2 a 3 informantes por célula social (usual em várias pesquisas no Brasil), tende a ser suficiente para a obtenção dos padrões gerais de variação de uma comunidade de fala.

Esse estudo utiliza os pressupostos teórico-metodológicos da teoria da variação e mudança linguística (cf. Weinreich, Labov & Herzog, 1968; Labov, 1972), de onde toda mudança implica um período de variação passível de sistematização, e tomará por base estudos linguísticos sobre o sistema pronominal no português brasileiro (PB) (cf. Tarallo, 1978; Tarallo & Kato, 1989; Duarte, 2011, entre outros). Acredita-se que a a matriz teórica sociolinguística permita a construção de generalizações por meio da comparação de amostras de dados em tempo real e em tempo aparente, podendo, então, ser elencada a proposição de princípios universais de variação e mudança. Nesse trabalho, as análises envolverão apenas amostras de dados em tempo aparente, sendo o sujeito pronominal expresso de terceira pessoa

¹ A partir daqui, os informantes serão designados dessa forma: Inf.1, para o da faixa etária 1; e Inf.2, para o da faixa etária 2.

(contexto em que mais a mudança no preenchimento do sujeito se manifesta) o objeto de análise de estudo, levando-se em conta a sua representação na fala de Natal. Tem-se a hipótese de que o sistema pronominal na fala de Natal está passando por mudanças no sentido de ser mais produtivo o preenchimento de sujeitos pronominais, identificando-se a passagem de uma língua de sujeito nulo para uma de sujeito preenchido.

Algumas indagações serão levantadas para nortear o trabalho:

(i) Quanto ao uso, evidências de um processo de mudança na fala de Natal indicam uma preferência por sujeitos pronominais expressos?

(ii) Contextos de natureza morfossintática, tais como a pessoa gramatical, podem ser favorecedores para a frequência de realização dos sujeitos pronominais expressos?

(iii) A recategorização do sistema pronominal (levando em conta a inserção do *você*, para a segunda pessoa, e do *a gente*, para a primeira) interfere nesse direcionamento de processo de mudança? E quais os índices de frequências neles verificados?

O objetivo desse trabalho é verificar a hipótese de que o português falado em Natal tende a realizar foneticamente os sujeitos pronominais de referência determinada. Será levado em conta o processo de mudança em tempo aparente, por meio de análise sincrônica, do sujeito pronominal expresso, em duas entrevistas sociolinguísticas presentes no corpus FALA-Natal, datadas do século XXI.

Como objetivos específicos, podemos elencar:

(i) Observar o comportamento das três pessoas gramaticais quanto aos índices de frequência;

(ii) Identificar as mudanças que vêm ocorrendo na fala norte-rio-grandense pela preferência do sujeito pronominal expresso;

(iii) Apresentar os fatores linguísticos que motivaram as mudanças em direção ao sujeito foneticamente realizado;

(iv) Verificar se em outras pesquisas confirma-se a hipótese levantada sobre a representação do sujeito pronominal expresso no PB;

O trabalho está dividido da seguinte forma. Em um primeiro momento, apresentaremos a abordagem teórica metodológica que norteia o trabalho; em seguida, falaremos sobre o corpus utilizado e analisaremos o levantamento de dados feito, mostrando índices de frequência quanto ao sujeito pronominal expresso; por fim, nas considerações finais, apresentaremos as contribuições do estudo para futuras pesquisas na área.

1 Pressupostos teóricos metodológicos

Os pressupostos teóricos metodológicos que serão apresentados servirão de subsídios para a análise do *corpus* exposto nesse trabalho: duas entrevistas de informantes socialmente estratificados do subprojeto FALA-Natal, levando em conta duas diferentes faixas etárias, estando eles assim distribuídos: (i) faixa etária 1, a de um informante de 15 a 21 anos de idade, e faixa etária 2, a de um informante de mais de 50 anos de idade. Recorremos à Weinreich, Labov & Herzog (2006), Labov (1972), Tarallo (1978; 1990; 2007), Tarallo & Kato (1989), Luchesi (2004), Duarte (1999) para expor algumas questões teóricas sobre a Teoria da Variação e Mudança.

O lugar da mudança linguística é na comunidade de fala, assim entendem os pesquisadores sociolinguístas. Com isso, entendemos que fatores linguísticos e sociais estão

fortemente correlacionados no desenvolvimento da mudança linguística. Antecedida a essa mudança, tem-se a variação, que não é compreendida como caos. A essas formas de variação dá-se o nome de variantes, que, na definição de Tarallo (2007, p. 8), podem ser assim compreendidas: “Variantes linguísticas’ são, portanto, diversas maneiras de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade”. Portanto, ela, a variação, não é aleatória, caótica, mas se apresenta como um acontecimento motivado, estritamente ligado por fatores linguísticos e extralinguísticos. Deve-se, então, para as análises sociolinguísticas feitas nesse trabalho, seguir o princípio de que a heterogeneidade linguística

basicamente se configura como um campo de batalha em que duas em que duas (ou mais) maneiras de dizer a mesma coisa (doravante chamadas ‘variantes linguísticas’) se enfrentam em um duelo de contemporização, por sua subsistência e coexistência, ou, mais fatalisticamente, em um combate sangrento de morte. (TARALLO, 2007, p. 5)

A sociolinguística, observando esse aparente caos linguístico, se propõe a sistematizar esse fato linguístico, levando em conta as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais de produção.

A maioria dessas variações ocorre apenas uma vez e se extinguem tão rapidamente quanto surgem. No entanto, algumas são recorrentes e, numa segunda etapa, podem ser imitadas mais ou menos extensamente, e podem se difundir a ponto de formas novas entrarem em contraste com as formas mais antigas num amplo espectro de uso. (LABOV, 2008, p. 20)

Para a sociolinguística, não é possível estudar a língua enquanto sistema autônomo e abstrato, isolado do contexto social em que é produzido.

Para termos uma teoria da mudança, faz-se por necessário termos um conjunto de mudanças possíveis e condições possíveis para a mudança. Um desses fatores condicionantes parece se aplicar à análise de frequências do sujeito pronominal expresso, levando em conta, neste trabalho, os dois informantes (o mais novo e o mais velho). Argumentamos que, claro, excluídos inicialmente outros fatores de estratificação aqui não estudados², a direção de mudança será em favor da passagem de um sujeito nulo para uma de sujeito preenchido, ou seja, passando de língua [+ sujeito nulo] para língua [- sujeito nulo]. Tal argumento pode ser melhor compreendido nas palavras de Weinreich, Labov & Herzog:

A mudança se dá (1) à medida que um falante aprende uma forma alternativa, (2) durante o tempo em que as duas formas existem em contato dentro de sua competência, e (3) quando uma das formas se torna obsoleta. A transferência parece ocorrer entre grupos de faixas etárias levemente diferentes; todas as evidências empíricas até agora indicam que crianças não preservam as características dialetais de seus pais, mas sim as do grupo de pares que domina seus anos pré-adolescentes. (2006, p. 122)

² Sobre esses fatores de estratificação, poderíamos fazer uma distribuição não só levando em conta a idade dos informantes, mas também o nível de escolaridade e o sexo. Deixaremos essas análises para outro momento, uma vez que elas não têm peso relativo significativo para alterar o que propomos na hipótese.

Assim, tendo em vista os dados de frequência do corpus FALA-Natal, e cientes da diferenciação da faixa etária dos informantes, percebemos que duas formas coexistem para a marcação do sujeito pronominal: a de um sujeito mais preenchido (do informante mais novo) e outra de um sujeito menos preenchido (do informante mais velho). Segundo Labov (2008, p. 21), “não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre.” Nessa perspectiva, nosso estudo compactua a percepção sociolinguística de Labov ao entender que as pressões sociais operam continuamente sobre a língua, como uma força social inseparável do sujeito.

No que diz respeito ao sujeito pronominal, alguns estudos linguísticos têm adquirido notória repercussão. Dentre eles, destacamos o da Maria Eugênia Duarte (2003), que analisa a evolução do sujeito pronominal no PB. Com base em dados de língua oral e na escrita de cartas, as pesquisas dela têm mostrado que o português do Brasil apresenta índices de sujeito pronominal bem superiores aos apresentados pelas chamadas línguas românicas de sujeito nulo. Esse fenômeno tem sido associado à simplificação ocorrida em nossos paradigmas flexionais verbais, levando em conta a inserção do *você*, para a segunda pessoa, e do *a gente*, para a primeira. As amostras levantadas por ela para afirmar o fenômeno analisado, confirmam a preferência pelo preenchimento do sujeito pronominal, expondo não só fatores de estratificação social (como a idade e o nível de escolaridade), mas também condicionantes estruturais (o fato de que a presença de elementos à esquerda da oração favorece o preenchimento do sujeito). Em outro estudo, Duarte (2012, p. 22) afirma que essa

[...] redução do paradigma flexional seria, pois, o resultado da entrada de novos pronomes, que se combinam com a forma verbal **sem** desinência distintiva e com o apagamento de algumas desinências, como a de 2º pessoa <-s> e a de terceira do plural <-m>, em cartas variedade do contexto. [Grifo da autora]

Apesar de o estudo da Duarte ser referente à análises em peças de teatro, vários outros estudos com base na língua oral já foram feitos por ela e por outros pesquisadores linguistas e, em todos, constatarem-se evidências de um processo de mudança em progresso no PB: a preferência por sujeitos pronominais expressos.

Assim, esse trabalho discorrerá a respeito da representação do sujeito pronominal de referência determinada na fala de Natal-RN, apresentando, por meio do corpus, evidências de um processo de mudança na fala norte-rio-grandense.

2 Estudos de tendências: análise e discussão dos resultados

Nessa seção, apresentaremos o corpus e os resultados preliminares da análise da pesquisa.

O levantamento de dados do corpus foi retirado do subprojeto FALA-Natal, retirado do Banco de Dados da Fala do Rio Grande do Norte (FALA-RN), que conta com amostras representativas de diferentes comunidades de fala norte-rio-grandense. O subprojeto reúne entrevistas sociolinguísticas feitas com membros da comunidade de fala e, na medida do possível, de diferentes comunidades de prática, do município de Natal. Os informantes estão socialmente estratificados similarmente a informantes de bancos de dados já existentes no

país, a exemplo do PEUL e VARSUL, no intuito de facilitar as pesquisas e estudos sociolinguistas comparativos.

Para realizar esse trabalho, foram utilizadas duas gravações de dois informantes (já mencionados anteriormente). Cada entrevista contém a gravação de 60 minutos de duração, sendo o recorte do nosso corpus restrito a 15 minutos. Nesse tempo, foram retiradas todas as ocorrências do sujeito pronominal expresso das três pessoas gramaticais.

2.1 Resultados para a primeira pessoa gramatical

Considerando o sujeito pronominal de primeira pessoa do singular, foram registradas 60 ocorrências para o Inf.1 e 47 para o Inf.2; já, para a primeira pessoa do plural, foram registradas 18 ocorrências para o Inf.1 e 14 para o Inf.2.

Informantes	Ocorrências 1ª P sing			Ocorrências 1ª P pl		
	Total	Preenchidos	Nulos	Total	Preenchidos	Nulos
Inf.1	60	34	26	18	12	6
Inf.2	47	31	16	14	11	3

Exemplos

Informante 1

a) primeira pessoa do singular

- **eu** vou muito lá no campo de Ponta Negra... ϕ jogo bola lá.
- tem lá uns amigos do bem, não os amigos do mal lá... ϕ tenho... ϕ tenho sim... ϕ tenho amigos até demais.

b) primeira pessoa do plural

- foi até minha vó que faz viaje pra Juazeiro...né...**a gente** viaja e ϕ passava lá uns três dias viajando.

Informante 2

a) primeira pessoa do singular

- **eu** comprei um caminhão e ϕ fui conhecer o Brasil.
- ainda ϕ estou trabalhando e achando bom... ϕ desejo trabalhar até completar 100 anos.

b) primeira pessoa do plural

- os vizinhos...eu só tenho é...é a elogiar eles pelo boa vizinhança que **a gente** tem...até hoje não tive nenhum desentendimento...todos nos tratam muito bem e **a gente** também corresponde a eles.
- ϕ tivemos mais... ϕ tivemos oito filhos, mas morreram três.

Os resultados obtidos para o sujeito pronominal de primeira pessoa, tanto do singular quanto do plural, revelam a preferência pelo sujeito preenchido nos dados obtidos pelos dois informantes. Poderíamos aferir, inicialmente, que o sujeito pleno no português é a opção não marcada no contexto sintático analisado. Ainda, segundo os dados, poderíamos fazer outra inferência: que a maior quantidade de sujeito, na ordem da fala, estão mais marcados devido a

um fator linguístico de reafirmação, muito marcada na fala do Inf.1 e do Inf.2. Observe o exemplo:

Inf.1

- tem lá uns amigos do bem, não os amigos do mal lá...ϕ tenho...ϕ tenho sim...ϕ tenho amigos até demais

Inf.2

- ϕ tivemos mais...ϕ tivemos oito filhos mas morreram 3

2.2 Resultados para a segunda pessoa gramatical

Os resultados da segunda pessoa gramatical não foram registrados na fala dos informantes. Claro, deve-se levar em conta o tempo cronológico analisado das duas entrevistas (15 minutos), assim como alguns fatores linguísticos e fatores condicionantes (a entrevista, por exemplo) que não levaram os informantes a marcar essa pessoa gramatical.

Informantes	Ocorrências 2ª P sing			Ocorrências 2ª P pl		
	Total	Preenchidos	Nulos	Total	Preenchidos	Nulos
Inf.1	00	00	00	00	00	00
Inf.2	00	00	00	00	00	00

2.3 Resultados para a terceira pessoa gramatical

Considerando o sujeito pronominal de terceira pessoa do singular, foram registradas 36 ocorrências para o Inf.1 e 17 para o Inf.2; com relação à terceira pessoa do plural, nenhuma ocorrência foi registrada para o Inf.1 e 8 registradas para o Inf.2.

Informantes	Ocorrências 3ª P sing			Ocorrências 3ª P pl		
	Total	Preenchidos	Nulos	Total	Preenchidos	Nulos
Inf.1	36	24	12	00	00	00
Inf.2	17	09	08	08	02	06

Informante 1

a) terceira pessoa do singular

- **ela** assustada toda tremendo.
- **ela** tá melhor...graças à Deus.

b) terceira pessoa do plural

- .[ocorrência não efetivada no corpus]

Informante 2

a) terceira pessoa do singular

- **ela** veio pra qui cum 18 anos, ϕ morava na casa de uma tia.
- mas apareceu na cidade do Natal um matador de taxista que quando **ele** matou 18 eu resolvi abandonar a profissão.

b) terceira pessoa do plural

- eles nasceram lá, ϕ viveram lá, e ϕ morreram lá

Observa-se que, nos dois informantes, levando em conta a porcentagem do número de ocorrências, há uma nítida preferência para o preenchimento do sujeito no Inf.1. O contexto situacional da entrevista não nos possibilitou recolher dados para a terceira pessoa do plural do Inf.1. Entretanto, outras pesquisas mostram que os pesos obtidos são muito próximos (DUARTE, 2003), confirmando-se apenas um leve favorecimento à supressão do sujeito pelos indivíduos mais velhos.

3 Contribuições do estudo

Alguns estudos diacrônicos e sincrônicos apontam para uma trajetória de mudança no português do Brasil em direção ao sujeito pronominal preenchido. Tais estudos são referenciados em várias pesquisas no Brasil, notadamente no sudeste. Para as pesquisas sociolinguísticas, há a necessidade de bancos de dados linguísticos que possam compor as análises de comunidade de fala. Temos como bancos de dados significativos no Brasil o Nurc e o VARSUL. Este, tem por objetivo geral a descrição do português falado e escrito de áreas socioculturalmente representativas do Sul do Brasil; o Nurc (Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro), contém entrevistas gravadas nas décadas de 70 e 90 do século XX, com informante de nível superior, nascidos no Rio de Janeiro e filhos de pais preferencialmente cariocas.

O Banco de Dados FALA-Natal representa a primeira etapa constituinte da organização do Banco de Dados FALA-RN. Por meio dele, será possível a descrição de dialetos do português brasileiro falados em um estado nordestino. Sendo assim, saliento a fase inicial desse trabalho como uma tentativa de compor futuramente resultados significativos para estruturar/sistematizar padrões da ordem de fala de brasileiros norte-rio-grandenses. Acreditamos que trabalhos como esse possam servir de apoio para estudos futuros na área, assim como possam contribuir como incentivo de pesquisas para a comunidade acadêmica.

Referências bibliográficas

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

LABOV.W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

DUARTE, M.E . **A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos**.. UFRJ/ CNPq. 2003. p. 115-128. (Artigo)

____. Termos da oração. In.: BRANDÃO, S.F.; VIEIRA, S.R. **Ensino de gramática: descrição e uso**. São Paulo: Contexto. Ed 2, 2011.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

TARALLO, Fernando. **Pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2007.